

**RIGOBERTA MENCHÚ E A LITERATURA INFANTIL:  
UM TESTEMUNHO DE VIDA**Kátia Gonçalves Silva<sup>1</sup>  
Valéria Daiane Rodrigues<sup>2</sup>**RESUMO**

O presente artigo é o resultado dos estudos realizados para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “*Rigoberta Menchú e a literatura infantil: um testemunho de vida*”. O estudo possibilitou conhecer a trajetória da literatura destinada às crianças, possibilitando, em consequência, refletir sobre a importância da prática de leitura desde a infância. Além disso, permitiu contar a história de Rigoberta Menchú, índia guatemalteca conhecida por sua trajetória de luta em favor de seu povo. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo realizar a leitura e análise do livro “*Li M'in uma criança de Chimel*”, um livro que conta, em uma linguagem voltada para o público infantil, a história de Rigoberta Menchú. Foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, contando com ajuda de importantes críticos. Entre as importantes obras estudadas, destacamos a contribuição da própria Rigoberta Menchú e de Elizabeth Burgos na obra *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*, publicada primeiramente em 1983, embora a leitura realizada para o estudo tenha sido a 20ª edição publicada em 2007. Ao final, entendemos que a leitura poderá ser associada à representação do sonho, da fantasia, da imaginação, do desconhecido, possibilitando uma contribuição para o desenvolvimento da consciência de mundo a partir da infância. Entendemos ainda a importância de trazer para a literatura infantil a representação de pessoas reais que podem servir como exemplo e inspiração.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Rigoberta Menchú; *Li M'in uma criança de Chimel*; Conhecimento de mundo.

**RESUMEN**

Ese artículo es el resultado del estudio realizado para elaboración del Trabajo del conclusión del Curso (TCC), intitulado “*Rigoberta Menchú y la literatura infantil: un testigo del vida*”. El estudio posibilitó conocer la trayectoria de la literatura destinada a los niños, posibilitando, en consecuencia, reflexionar sobre la importancia de la práctica de lectura desde la infancia. Además, permitió contar la historia de Rigoberta Menchú, india guatemalteca conocida por su trayectoria de lucha en favor de su pueblo. En ese contexto, este trabajo tuvo como objetivo leer y analizar el libro “*Li M'in una niña de Chimel*”, un libro que cuenta en un lenguaje dirigido a niños, la historia de Rigoberta Menchú. Fue realizada una investigación bibliográfica, contando con la ayuda de importantes críticos. Entre las obras importantes estudiadas, destacamos

<sup>1</sup> Egressa do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

<sup>2</sup> Professora Ms da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.



la contribución de Rigoberta Menchú y de Elizabeth Burgos en la obra “Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia”, publicada primeramente en 1983, aunque la lectura realizada para el estudio haya sido la 20ª edición publicada en 2007. Al final, entendemos que la lectura puede asegurar la representación del sueño, de la fantasía, de la imaginación, del desconocido, haciendo posible una contribución al desarrollo de la conciencia de mundo desde la infancia. Entendemos también la importancia de traer para la literatura infantil la representación de personas reales que pueden servir como ejemplo e inspiración.

**Palabras-clave:** Literatura infantil; Rigoberta Menchú; *Li M'in* una niña de Chimel; Conocimiento del mundo.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de um trabalho de conclusão de curso, intitulado “Rigoberta Menchú e a Literatura Infantil: um testemunho de vida”. Para tanto, abordamos a importância do estudo da literatura desde a infância e ao mesmo tempo apresentamos a história da índia Guatemalteca Rigoberta Menchú narrada em um livro voltado para o público infantil. No contexto desse estudo, duas questões se fizeram importantes: Como inserir a prática de leitura literária em um mundo tão tecnológico como nos dias de hoje? Em que medida a história de luta da personagem pode ser contada em uma linguagem infantil?

Sobre a importância da inserção da literatura na vida das crianças é importante destacar que essa relação de aprendizagem e vivência quando se inicia a prática de leitura, com os filhos ou dos filhos, desenvolve o pensamento, as ideias e a imaginação, provocando na criança ouvinte/leitora a possibilidade de conhecimento cultural. Tal fenômeno ultrapassa o processo de alfabetização e advoga em favor da formação integral da criança.

Assim, é fantástica a forma como a literatura é destinada às crianças, pois, segundo Rubem Alves: “um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar” (ALVES, 2015, p. 29). Dessa forma, podemos pensar como se a literatura fosse a fábrica na qual são construídos os desenvolvimentos da imaginação, das emoções, e que o manual de instruções mais confiável seja a palavra. Neste sentido, ocupa um lugar especial e fundamental na sociedade que se forma a cada instante, e é através da sua prática de leitura que se desenvolve conhecimento para toda vida.

No que se refere à vida de Rigoberta Menchú, apresentamos uma análise da obra *Li M'in uma criança de Chimel*, na qual, Rigoberta, como personagem-narradora, relata os acontecimentos de sua vida: como foi sua infância, adolescência, a escolha do seu nome, os aspectos culturais que carrega em sua trajetória, entre outros. Importante salientar que a escritora foi agraciada com o Prêmio Nobel da Paz no ano de 1992, e, na ocasião, teve seu nome registrado no livro *Guinness Book*, como a mais jovem a receber o Nobel.



Baseado nesse pressuposto e buscando elucidar melhor os nossos objetivos, este trabalho está organizado em três tópicos. No primeiro, apresentamos um breve panorama do surgimento da literatura infantil e a importância da prática de leitura desde a infância. No segundo trazemos uma abordagem da história de vida de Rigoberta Menchú, indígena maia-guiché que, até os dias atuais, luta para que a igualdade social aconteça com todos os povos, de sua descendência ou não. No terceiro e último tópico, analisamos uma de suas obras literárias escritas para o público infantil, *Li M'in uma criança de Chimel*.

### **Panorama da história da literatura infantil**

De acordo com as autoras Nely Novaes Coelho (2000), Marta morais da Costa (2009), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988) a Literatura Infantil surgiu no século XVII na Europa com a intenção somente de moralização. Os textos eram destinados para cunho educativo, as crianças deveriam ser educadas de acordo com os princípios determinados por adultos, leituras realizadas por eles, adultos, eram as mesmas indicadas para elas. As primeiras narrativas dessa época são conhecidas como fábulas, era uma coletânea de 14 livros intitulados de *Calila e Dimna*, vindas do oriente, e foram traduzidas para o persa, árabe até ser traduzida ao castelhano.

As fábulas de Esopo, que viveu no século V a.C., surgiram dessa tradição. Essas fábulas relatam a presença do bem e do mal, também o maniqueísmo<sup>3</sup> na visão de mundo. Ainda no século XVII, uma das mais famosas fábulas foi de “La Fontaine”, citando os valores ético-sociais, referindo a submissão da mulher, sua beleza, os afazeres domésticos também estiveram presentes, nas narrativas de Charles Perrault, suas histórias mais conhecidas são: “A Bela Adormecida”, “A Gata Borralheira”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Pequeno Polegar”, etc. E os Irmãos Grimm (entre 1812 e 1815) ficaram conhecidos pelos seus contos que representam humildade, generosidade, resignação, valorização do dinheiro e incentivo à caridade ou ao paternalismo. Já os contos de Andersen (entre 1835 e 1872) são estudados pelo lúdico, a didática, que caracteriza a literatura infanto-juvenil, “O Patinho Feio” e “O Soldadinho de Jumbo”, entre outros.

Ao contrário das crianças nobres, no período medieval, que liam somente os clássicos, as crianças de classes menos favorecidas liam as histórias de cavalaria, de heróis nascidos do povo. Segundo historiadores, os primeiros textos destinados ao leitor infantil, foram os catecismos, criados pelos padres Jesuítas, com o intuito de catequizar as crianças. Mas de acordo com Marta Morais da Costa

---

<sup>3</sup> Maniqueísmo de acordo com Dicionário Aurélio: 2- Concepção da realidade de dois princípios opostos.



Já circulavam, no período, as fábulas com animais, os livros com narrativas de comportamentos exemplares e os bestiários. São exemplos de período, Raimundo Lúlio, com *O Livro das Maravilhas* e *O Livro dos Animais* (séc.XIII), *O Romance da Raposa*, uma “epopéia animal” do século X, *O Livro de Petrônio* ou *O Conde Lucanor*, escrito por D. Juan Manuel, em 1335, repleto de narrativas moralizadoras e exemplares (COSTA, 2009, p114).

Também não poderíamos deixar de citar o livro *As mil e uma Noites*, narrativa que deu origem a outras como: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, *Ali Babá e os quarenta ladrões* e *Simbad, o marinheiro*, livros que ficaram conhecidos em todo o mundo (narrativas que fazem parte da coletânea oriental- *Calila e Dimna*).

Em se tratando de Literatura Infantil no Brasil de acordo com os estudos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988), só em 1808 que começam publicar livros para crianças, com a criação da Imprensa Régia. Foi um período de leituras das literaturas traduzidas, só que eram em Português, distante ainda da língua dos brasileiros. Algumas dessas obras foram prefaciadas por Machado de Assis, Rui Barbosa e Sílvio Romero. Em 1905, foi lançada a revista infantil *O Tico-tico*, com informação científica, ilustrações, combinando textos e jogos. Devido à necessidade de formar bons professores para o exercício de ensino/aprendizagem, notaram a carência de leituras infantis, e os intelectuais da época preocupados com essa questão, se uniram para produzir textos destinados as crianças.

Como afirmam LAJOLO e ZILBERMAN

Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra; começaram a produzir que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas, igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. Tratava-se, é claro, de uma tarefa patriótica, a que por sua vez, não faltavam também os atavios da recompensa financeira: via de regra, escritores e intelectuais dessa época eram extremamente bem relacionados na esferas governamentais, o que lhes garantia a adoção maciça do que escrevessem (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 28-29).

Podemos citar como intelectuais: Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes Almeida que publicaram seus contos. A narrativa de Antonio Marques Rodrigues *Os Livros do Povo* (1861) foi o primeiro de repercussão escolar e o *Contos da Carochinha* de Figueiredo Pimentel foi a primeira coleção da literatura infantil brasileira. Vários outros nomes apareceram, mas foi no ano 1920 com a obra de Monteiro Lobato, *A menina do Narizinho Arrebitado*, que a Literatura Infantil se consagrou. Segundo Nelly Novaes Coelho “foi Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil” (COELHO 2000, p.138). Monteiro Lobato introduziu na literatura infantil a imaginação com o real, fazendo distinção da consciência de mundo das crianças a dos adultos.



Conforme Alice Mitika Koshiyawa (1982), Monteiro Lobato aceitou um convite e foi trabalhar um tempo nos Estados Unidos, um de seus trabalhos era de traduzir obras, dentre essas obras estava *Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, só que essas traduções ainda eram feitas com as normas linguísticas de Portugal, dificultando o acesso da maioria dos brasileiros. De acordo com Marisa Lajolo (1998) Lobato também realizava adaptações nesse período, data-se que em 08 de março de 1925 escreveu para seu amigo no Brasil, propondo uma escrita mais nacional, da obra de Cervantes, o qual não aceitou, e seu projeto foi escrito somente em 1936, a obra *Dom Quixote das Crianças*.

Outras obras de Monteiro Lobato foram dando formas a literatura infantil, fazendo com que os pais reconhecessem a responsabilidade de educarem melhor seus filhos. Então a leitura com textos voltados para o público infantil foi inserida no cotidiano familiar, através do “faz de conta” a criança foi descobrindo um universo fabuloso do mundo das letras. Assim, fica evidente o fato de que é preciso ofertar às crianças boas leituras, colocá-las em contato com as obras primas, devemos ensinar as crianças o valor de um bom livro como afirma Cecília Meireles

Um livro de literatura é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, tem na infância o melhor disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito (MEIRELES, 1979, p.96).

Assim, depreendemos que A leitura é essencial para o desenvolvimento intelectual, despertando-nos para o conhecimento de mundo, como nos alerta Nelly Novaes Coelho

[...] a literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica) (COELHO, 2000, p10).

Arte que transforma e influencia desde a infância, para que crianças cresçam sabendo enfrentar a realidade porque “vemos na literatura infantil o agente ideal para formação da nova mentalidade que se faz urgente” (COELHO, 2000 p.16). Formação digna e precisa, que contribui para que as crianças tenham uma infância saudável, aprendendo tudo no tempo certo, dando um passo de cada vez sem queimar etapas ou vivendo como adultos em miniaturas.



Após abordar os fatos inerentes à trajetória dos escritos relacionados à literatura infantil, apresentaremos no próximo tópico, a história de vida de Rigoberta Menchú, uma indígena Guatemalteca que luta pelos direitos de seu povo, os maias-quiché. Após 23 anos lutando contra a opressão, trabalho escravo, preconceito, narrou sua história para a antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos que transcreveu a entrevista gravada em várias fitas para o livro. Sua publicação e tradução em várias línguas, fez com que a ativista fosse reconhecida pela sua luta e merecimento do Prêmio Nobel da Paz no ano de 1992 e o registro no livro do *Guinness Book* como a pessoa mais jovem e a primeira indígena a receber o prêmio.

### **Era uma vez: rigoberta menchú**

No dia 09 de janeiro de 1959, nasceu Rigoberta Menchú, seus pais eram Vicente Menchú e Juana Tum, em San Miguel /Uspantán, Departamento El Quiché, na Guatemala, uma aldeia indígena que abrigava descendente dos índios maias. Rigoberta, desde criança, já apresentava diferenças em relação ao comportamento de outras crianças. Com dois anos de idade, sua mãe a levava para as plantações de café, algodão e cana-de-açúcar, onde toda a sua família trabalhava na colheita.

Trabalhava desde pequena, mas não ganhava dinheiro, ajudava sua mãe na colheita ou cuidava de seu irmão, por que tinha pena de vê-la com suor no rosto, tendo que colher café. Desde a infância já cozinhava para quarenta trabalhadores, quase nem dormia, para fazer a comida, não tinha tempo livre, por que quando não estava cozinhando, trabalhava na colheita para ganhar um pouco mais.

Li M'in, como era chamada por seus pais, não se conformava com essa situação: “[...] yo me sentía muy inútil y cobarde de no poder hacer nada por mi madre, únicamente cuidar a mi hermanito. Y así es cuando a mí me nació la conciencia, pues”<sup>4</sup> (MENCHÚ; BURGOS, 2007, p. 55). Quando completou oito anos começou a ganhar dinheiro, o equivalente a vinte centavos para colher trinta e cinco libras de café ao dia. Já se sentia uma mulher por ajudar no salário da família.

Era costume de seu povo ao completar dez anos, os pais chamarem a filha e explicar sobre a vida adulta; o momento de apresentar o que viria pela frente. Por exemplo, sua mãe explicava sobre a menstruação, que é quando inicia o desenvolvimento físico e, assim, a mulher poderia ter filhos, por isso que deveria ficar mais próxima dela, para que fosse uma filha honrada na comunidade em que vivia. Não era um momento de juventude, mas sim de

---

<sup>4</sup> “[...] me senti muito inútil e covarde de não poder fazer nada pela minha mãe, só cuidar do meu irmãozinho. E foi aí que nasceu minha consciência, então ”(MENCHÚ; BURGOS, 2007, p.55).





uma vida adulta. Quando completou doze anos também já tinha a responsabilidade de cuidar dos animais que eram confiados a ela. Vale ressaltar que era costume em Guatemala meninas de catorze ou quinze anos já estarem casadas e esperando um filho.

Ainda aos oito anos já havia perdido dois irmãos. O primeiro irmão, Felipe, não chegou a conhecer, morreu intoxicado com veneno lançado pelo avião na plantação de café; o segundo irmão, de nome Nicolás, tinha apenas dois anos, sua mãe o levava nos braços. Esse viu morrer, chorava muito, estava com o estômago inchado pela desnutrição.

De acordo com MENCHÚ (2007) seu irmão de dezesseis anos foi sequestrado, entregue por alguém de sua própria comunidade. Ofereceram quinze dólares para entregar seu irmão, assim fizeram. Sofreu todas as torturas possíveis e, inclusive, teve seus testículos amarrados. Depois foi queimado ainda vivo em praça pública. Seu pai foi morto com cinco perfurações de balas na cabeça e uma no peito, e sua mãe após ser torturada, violentada, serviu de alimento para os coiotes.

Em defesa de alguns membros de sua família que ainda se encontravam vivos e tantos outros índios que ainda vivem oprimidos, marginalizados, expulsos de suas terras, que têm por direito, Li M'in, nome dado pelos seus pais, Vicente Menchú e Juana Tum, que o cartório não quis registrar, testemunha viva de todo sofrimento que passou na Guatemala, resolveu contar sua história para a antropóloga Elizabeth Burgos, no ano de 1982. Seu testemunho gerou a escrita do livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*, o qual fez com que o mundo inteiro conhecesse a vida que os índios de sua etnia maia-quiché viveram, e muitos vivem até hoje. Pela sua história de vida e luta a favor dos índios e dos direitos humanos, foi conferido o Prêmio Nobel da Paz, no ano de 1992. Com o dinheiro que recebeu, criou a Fundação Rigoberta Menchú Tum.

No ano de 1993 atuou como embaixadora da Boa Vontade da UNESCO, e recebeu o Prêmio Príncipe de Asturias de Cooperação, em 1998. Sua luta não encerrou com o Prêmio Nobel que recebeu, segundo artigo do jornal Folha de São Paulo, que data do dia 07 de novembro de 2000: “a ativista esteve no Brasil em 94 para participar de debates com lideranças indígenas, sindicais e religiosas. Na época, participou também de uma manifestação de trabalhadores rurais em Santa Catarina, ao lado do líder petista Luiz Inácio Lula da Silva”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000). Casou-se com Ángel Canil Grave, indígena quiché, de Uspantán, em março de 1995<sup>5</sup>, e foi candidata à presidência da Guatemala

---

<sup>5</sup> Jornal *El Tiempo*, 27/março/1995.



nos anos de 2007 e 2011, pelo partido político que ela mesma fundou o WINAQ<sup>6</sup>, mas não teve sucesso<sup>7</sup>.

Há quem conteste a veracidade dessa obra, como o antropólogo estadunidense David Stoll, em seu livro, intitulado *Stoll, The Story of All Poor Guatemalans (A História de Todos os Pobres Guatemaltecos)* publicado em 1999. Tais críticas deram origem ao artigo publicado pelo jornal internacional *El País* no dia 03 de janeiro do ano de 1999, escrito por Octavi Marti

Un libro de reciente publicación en EE.UU., Rigoberta Menchú y la historia de todos los pobres guatemaltecos, del antropólogo estadounidense David Stoll, ha provocado un notable escándalo. En él se cuestiona la exactitud de los datos biográficos que hicieron de la indígena guatemalteca el premio Nobel de la Paz de 1992. Según Stoll, Rigoberta Menchú se convierte en espectadora de tragedias a las que no asistió y se atribuye unos dramas vitales que no ha vivido (MARTI, 1999) <sup>8</sup>,

A veracidade do testemunho narrado por Rigoberta Menchú não vem ao caso neste momento. Daremos destaque somente ao que está relatado em sua autobiografia, na qual Rigoberta Menchú narra sua história de vida à antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos, e que transcreveu a entrevista, assinando a coautoria do livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia*. É importante destacar que foram retiradas desse livro as informações biográficas narradas aqui.

Rigoberta Menchú, além de toda essa trajetória política, teve outras obras publicadas, e narrou o filme documentário *Cuando las montañas tiemblan*, cujo título original é *When The Mountains Tremble* (Quando as montanhas tremem), dirigido por Pamela Yates e Newton Thomas Sigel (Guatemala, 1983, 90 min.). Foram protagonistas Rigoberta Menchú e Susan Sarandon, Shelly Desai e Shawn Elliott, numa representação de toda uma história de sofrimento dos descendentes maias.

Após a leitura do livro *Li M'in uma criança de Chimel*, de autoria de Rigoberta Menchu e do crítico literário Dante Liano, que foi nosso objeto de análise, Rigoberta Menchú narra suas memórias, seus relatos de experiências, a cultura de seu povo de forma simples e poética numa obra direcionada ao público infantil.

---

<sup>6</sup> WINAQ significa ser um ser humano integral, é o ser humano completo. Define mulheres e homens na dimensão mais profunda e integral. A pessoa faz parte do cosmos, da natureza e da sociedade, cuja qualidade é ser o sujeito que sente, pensa, expressa e age. É a expressão de homens e mulheres maias, ladino-mestiços, garífunas e xinkas cuja missão é transformar uma realidade injusta, racista, sem instrução e perversa em uma situação equitativa, cheia de oportunidades, sem exclusão ou marginalização. (Disponível em: [http://www.winaq.org.gt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=53](http://www.winaq.org.gt/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=53)). Acesso em 22/06/2019.

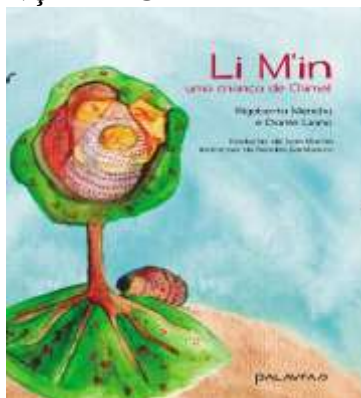
<sup>7</sup> Registrada no Tribunal Supremo Electoral de Guatemala.

<sup>8</sup> Edição online, página visitada em 21 de junho 2019.





## LI M'IN UMA CRIANÇA DE CHIMEL



Yo empecé a analizar mi niñez y llegaba a una conclusión: que yo no tuve infancia, no tuve escuela, no tuve suficiente comida para crecer, no tuve nada. Yo decía, ¿cómo es posible? Relacionaba la vida de los hijos de los ricos donde yo he pasado. Cómo comían. Los perros para que conozcan sus meros dueños y que rechacen hasta a las sirvientas. Todo eso a mí se me juntaba, y no sabía como compartir mis ideas. [...] Yo puedo decir, no tuve un colegio para mi formación política; sino que mi misma experiencia traté de convertirla en una situación general de todo el pueblo. Me daba más alegría cuando me di cuenta exactamente de que el problema no era sólo mi problema. Que mis inquietudes de niña, de no querer ser una mujer grande, no era sólo mi problema sino que también era inquietud de todos ante la vida amarga que nos espera<sup>9</sup>. (MENCHÚ; BURGOS, 2007, p. 144)

O título do livro, que também dá nome a esse terceiro tópico anuncia a ideia de existência e pertencimento. Ao observar a capa é possível constatar que uma criança protagoniza essa história ao surgir retratada como se estivesse no útero materno. Nesse lugar, é envolvida e protegida pelo corpo da mãe e pelo animal que culturalmente é tido como espírito protetor<sup>10</sup>. Na imagem, está perceptível mais do que uma junção de formas e cores. Observa-se a constatação da autora em relação ao momento em que a criança deixa o útero materno para estar fisicamente sozinha no mundo. Esse aspecto pode ser constatado pela imagem da criança aos pés da árvore, ou seja, fora do ventre materno. Simbolicamente, a criança sai do ventre de sua mãe para residir no seio da mãe terra.

Esse residir no seio da terra traz uma série de consequências que nem sempre são boas experiências, como se pode perceber na citação mencionada como epígrafe desse tópico. Nesse trecho, Rigoberta descreve suas apreensões a cerca de sua condição de vida desde a infância. No relato, observa-se e a situação de pobreza e falta de oportunidade característica do meio em que viveu. Como narra Rigoberta Menchú em sua autobiografia publicada no ano

<sup>9</sup> Comecei a analisar a minha infância e cheguei a uma conclusão: que eu não tinha infância, não tinha escola, não tinha comida suficiente para crescer, não tinha nada. Eu disse, como isso é possível? Relacionou a vida dos filhos dos ricos por onde passei. Como eles comeram Os cães para que eles conheçam seus meros donos e que eles rejeitem até mesmo os servos. Tudo isso veio junto, e eu não sabia como compartilhar minhas ideias. [...] posso dizer, eu não tinha escola para minha educação política; mas minha experiência tentou transformá-lo em uma situação geral de toda a cidade. Isso me deu mais alegria quando percebi exatamente que o problema não era apenas o meu problema. Que minhas ansiedades quando criança, não querer ser uma mulher grande, não era apenas meu problema, mas também era a preocupação de todos antes da amarga vida que nos espera. (MENCHÚ, BURGOS, 2007, p.144)

<sup>10</sup> De acordo com a cultura Maya cada pessoa, a partir do nascimento, conta com a proteção de seu Nawal.



de 1983, não mudou muito dos anos 1980 até os dias atuais, e essa é uma realidade vivida por muitas crianças em todo o mundo, em pleno século XXI.

Mencionamos neste texto as experiências vivenciadas pelas crianças de Chimel, a partir da narração de Rigoberta sobre sua própria história. Nesse contexto, é possível conhecer também aspectos culturais dos maias-guiché, a partir do livro intitulado *Popo Vuh*<sup>11</sup>, considerado a Bíblia dos Maias. Vale ressaltar que a cultura do povo maia-guiché foi muito bem registrada no livro infantil, escrito por Rigoberta Menchú com a ajuda de seu amigo, crítico e escritor literário Dante Liano, o qual exploraremos na sequência.

O livro descreve a importância das histórias contadas pelo avô, sobre o respeito à natureza, à preservação dos rios, como era a vida dos antepassados, numa releitura do livro sagrado dos povos Maia, o *Popo Vuh*. Estruturalmente o livro é composto por pequenos contos intitulados: “Era uma vez uma menina”, “A história do meu avô”, “Os contos do meu avô, o porquinho andarilho”, “O bosque e as plantas”, “O avô e o campo de milho”, “A história do meu nome”, “A história do meu nascimento”, “Quando eu era uma criança em Chimel”, “O presságio das abelhas”, “A história do rio que mudou de rumo”, “A montanha sagrada” e “Quando eu era criança...”.

Quando iniciam o primeiro conto “Era uma vez uma menina”, relembram as histórias que se contam para as crianças, como os avôs fazem costumeiramente, configurando-se como marco da literatura infantil. Também é importante destacar que a expressão “era uma vez” é recorrente nas histórias voltadas para o público infantil. Nesse conto, Rigoberta, nostalgicamente, lembra seu tempo de menina e as histórias contadas diante da fogueira, bem como ressalta a sabedoria atribuída aos mais velhos.

O conto “A história do meu avô” descreve a fundação da aldeia de Chimel. Antes de casar, seu avô era um andarilho.

O que andava procurando? Não se sabe. Devorava os caminhos e deixava para trás um rastro de canções de pintassilgo. O que andava procurando? Uma montanha que mudasse de cores. Talvez. Um rio que mudasse de curso. Talvez (MENCHÚ; LIANO, 2018, p.6).

Ao apaixonar-se por uma bela jovem, resolve fincar raízes, fundando assim a aldeia de Chimel, que futuramente abrigaria a nossa protagonista. Para conceber a ideia de como seria esse lugar, basta conhecer a descrição das terras maias a partir do livro *Popol Vuh* traduzido por Adrián Recinos

[...] verdaderamente aquí serán nuestras montañas y nuestros valles. Nosotros somos vuestros; grandes serán nuestra gloria y nuestra descendencia por obra de todos los hombres. Vuestras son todas las

---

<sup>11</sup> *Popol vuh*, literalmente o livro da comunidade. A palavra *popol* é maya e significa conselho, reunião ou casa comum [...] *Vuh* é livro, papel ou pano [...] (RECINOS, 1993, p.165).



tribus nosotros, vuestros compañeros. Cuidad de vuestra ciudad y nosotros os daremos vuestra instrucción (RECINOS, 1993, p. 75)<sup>12</sup>.

Na sequência, a partir de “Os contos do meu avô”, nota-se a importância de valorizar o “contar histórias para as crianças”, fato culturalmente atribuído aos avós, e que faz parte da constituição da literatura infantil. A forma de explicar de maneira simples e pura sobre a diversidade das cores dos povos, a partir das distintas cores do milho atribui sentido ao que está registrado no livro sagrado da cultura maia sobre a criação do homem. De acordo com Adrián Recinos, “cuando se trata del hombre, echá<sup>13</sup> es el maíz cocido y molido que era la comida corriente del indio americano, y que los quiches pensaban lógicamente que había servido para formar a los primeros hombres” (1993, p. 174). Percebe-se a importância do “milho” para cultura guatemalteca, como descrita pelos autores do livro *Li M'in, uma criança de Chimel* no trecho a seguir:

Vovozinho... por que há pessoas brancas, vermelhas, amarelas, ou seja, de muitas cores?” “Porque Ajaw<sup>14</sup>, nosso criador e formador, nos criou de milho branco e por isso há pessoas de cor branca; nos criou de milho negro e por isso há pessoas de cor negra; nos criou de milho vermelho e por isso há pessoas de cor vermelha; e nos criou de milho amarelo como nós e por isso somos pessoas de cor amarela, porque Ajaw queria que fôssemos multicolores como as flores do campo (MENCHÚ; LIANO, 2018, p. 10-11).

Salientamos que o milho, usado pelos nativos desde a criação do homem, continua sendo a base de alimentação para muitos povos, estando presente nas refeições diárias. Em alguns lugares faz parte dos rituais sagrados. A partir do *Popol Vuh* aprendemos que as quatro cores do milho representam os pontos cardiais, e que o calendário maia segue conforme seu cultivo. De acordo com a cultura maia, o milho representa a união fazendo parte de um todo.

Em “Os contos do meu avô” a maneira para explicar a criação do mundo, é muito simples, alcança o entendimento da criança, e o avô segue contando, através das lendas maias, o porquê da diferença que há entre os animais; perguntas que estão sempre presentes na infância, ‘eu quero saber, por que’. Respostas que o avô dava referindo-se sempre ao livro sagrado do seu povo, como forma de manter viva a cultura e os costumes.

Em “O porquinho andarilho”, deixa registrada a crença dos maias na existência do *nahual* que tem um significado importante para os índios maias, sendo como a própria sombra do ser humano, ele está presente o tempo todo, como narra Miguel Ángel Asturias, em sua novela *Hombres de Maíz* (1949): “ser animal, sin dejar de ser persona. Animal y persona

<sup>12</sup> Verdadeiramente aqui serão nossas montanhas e nossos vales. Nós somos seus; grande será nossa glória e nossos descendentes pelo trabalho de todos os homens. Vocês são todas as tribos e nós somos seus companheiros. Cuide da sua cidade e nós lhe daremos sua instrução (RECINOS, 1992, p.75).

<sup>13</sup> *Echá* - comida alimento (POPOL VUH, 2019, p. 97).

<sup>14</sup> *Ajaw* é um conceito maia que também pode significar Senhor.



coexisten en ellos por voluntad de sus progenitores desde el nacimiento...”<sup>15</sup>. Designa o duplo, o alto ego animal ou de outra natureza que, segundo a tradição indígena, todo ser humano possui e é determinado, por exemplo, pelo dia da semana em que nasce. Como nos explica Rigoberta Menchú,

nosotros tenemos divididos los días en perros, en gatos, en toros, en pájaros. Cada día tiene un nahual. Si el niño nació el día de miércoles, por ejemplo, su nahual sería una ovejita. El nahual está determinado por el día de nacimiento. Entonces para ese niño, todos los miércoles son su día especial<sup>16</sup> (MENCHÚ; BURGOS, 2007, p. 39-40).

Estar em correspondência com as personalidades do povo, atribuição do nahual, implica o reconhecimento do recém-nascido como parte da comunidade. Nesse conto também estão presentes as onomatopeias, tão características de histórias infantis, como uma forma de imitar os sons de animais, o barulho do vento, sons da natureza em geral, dando significado e chamando atenção do público infantil, como no seguinte trecho da obra analisada: “os galhos das árvores que faziam shhhhhhh, shhhhhhh e às vezes os golpes de coisas que caíam: plongom! E de coisas grandes que se iam ao chão: cachiplongom! Ou de janelas mal fechadas: fuah, uah, fuah! Dava medo, o vento violento” (MENCHÚ; LIANO, 2018, p.18-20).

No conto “Bosque e as plantas”, está registrado o poder da cura por meio das plantas medicinais, ritos usados por muitos ainda hoje, não somente pelos indígenas. O respeito que se deve ter com a natureza, a preservação das ervas, a forma de usá-las para a produção dos próprios medicamentos, entre outros aspectos:

esta sabedoria das plantas foi transmitida para minha mãe pelos avôs. Muito cedo em sua vida ela começou a curar os vizinhos de Chimel. Quando já era grande, então se converteu em parteira. [...] Agora as crianças nascem nos hospitais, mas em Chimel ainda nascem em suas casas, e como não havia médico as recebia minha mamãe (MENCHÚ; LIANO, 2018, p. 22-24).

“O avô e o campo de milho”, registra a simplicidade da linguagem coloquial, para a personagem Li M'in: “o avô falava como as ‘pessoas de antigamente’ e usava palavras que ninguém mais usava. Dizia: ‘nozear’. Dizia: ‘vosmecê’. Dizia: ‘zoio’” (MENCHÚ; LIANO 2018, p. 26). Tal trecho denota o fenômeno de variação linguística que ocorre historicamente com todas as línguas. Como exemplo de proteção ao alimento sagrado para os maias, o avô espantava os animais que apareciam na plantação de milho.

<sup>15</sup> “Seja um animal, sem deixar de ser uma pessoa. Animal e pessoa coexistem neles à vontade de seus pais desde o nascimento” (Miguel Ángel Asturias, 1949).

<sup>16</sup> Nós dividimos os dias em cães, em gatos, em touros, em pássaros. Todo dia tem nawual. Se a criança nasceu no na segunda-feira, por exemplo, seu nawual seria uma ovelhinha. O nawual é determinado pelo dia do nascimento. Então, para essa criança, todas as quartas-feiras são o seu dia especial.



E Li M'in segue narrando suas histórias de infância. No conto "A história de meu nome", narrou que Li M'in hoje é Rigoberta. Laj M'in do jeito que o pai gostaria, Li M'in quando crescesse e Chuch M'in quando alcançasse a sabedoria. Observa-se que os nomes são assim, vão mudando com o tempo como as pessoas. Para a família um nome, para os amigos outro e para os que não conhecem é o nome de registro mesmo.

M'in era seu nome como:

o domingo é um dia solar, alegre, brincalhão. Por isso meu caráter verdadeiro deveria ser assim... Eu aproveito muito a vida. Rio muito, faço muitas brincadeiras, faço piadas, sou otimista, e acredito que o bem pode vencer o mal. É que me chamo Li M'in (MENCHÚ; DANTE, 2018, p. 28).

Foi assim, a história de seu nome. Na sequência menciona "A história de seu nascimento", descrevendo:

estamos no ventre de nossa mãe, dentro de um saquinho chamado "placenta". Estamos unidos à nossa mãe pelo umbigo. Quando nascemos, choramos, porque sentimos frio. E também cortam o umbigo. Daí já estamos sozinhos diante da face do mundo (MENCHÚ; LIANO, 2018, p. 31).

De acordo com os costumes da civilização maia, quando as crianças nascem, deve-se enterrar o cordão que é cortado junto com a placenta, porque as pessoas estão ligadas à terra, a sombra está ligada à terra. No momento que nasce uma criança, nasce também um animalzinho. "Algumas vezes esse animal é mais sábio do que nós, conhece a maldade e conhece os riscos que corremos e imediatamente nos protege como se protege a si mesmo". (MENCHÚ; LIANO, 2018, p.32).

Em "Quando eu era criança em chimel", Li M'in continua narrando sua história de vida, recordando os tempos de infância, como era na aldeia de Chimel quando as abelhas fabricavam mel.

As pessoas ficavam muito felizes, porque presentear mel é como presentear um buquê de flores, também é como dizer uma coisa para alguém, um elogio, um afago. Adoça os ouvidos. É como dar um abraço sincero. As pessoas querem mel. Todos queremos mel (MENCHÚ; LIANO, 2018, p. 36).

Mas para produzir o mel é preciso que as abelhas trabalhem e, com a ordem da rainha, as outras fabricam o mel. Em Chimel, elas não quiseram ficar, partiram para não mais voltar. Eram duas colmeias e as rainhas levaram todas. Era o "presságio das abelhas", que Li M'in deixou para contar depois. Sobre "A história do rio que mudou de rumo", ela contou então o rio era transparente, parecia uma folha de papel celofane que ia se desenrolando com o seu barulho da água. A coisa de que eu mais gostava era saltar de pedra em pedra. O rio era um milagre. Tanta



água correndo sem parar! Era um presente da natureza (MENCHÚ; DANTE, 2018, p. 42).

Segundo a autora, o rio sofreu o impacto da guerra e da colonização, mudando de curso. Foi para o outro lado da montanha, “não quis ficar no meio da confusão”. E a “montanha sagrada”, também existia. Os maias, quando subiam, pediam permissão, usufruindo das frutas que lá tinham: “Quando chegávamos ao topo da montanha, pegávamos uma jarra de água fresca e comíamos *tortillas*<sup>17</sup> com feijão, *tortillas* com *guacamole*<sup>18</sup>, *tortillas* com *Chile*<sup>19</sup>” (MENCHÚ; LIANO, 2018 p. 45). Nesse trecho, observamos menção às comidas típicas e aos efeitos da colonização na Guatemala e, principalmente, aos costumes dos povos maias.

Com o conto “Quando eu era criança...”, Rigoberta finaliza narrando o lado inverso de sua autobiografia, porque essa narrativa é para ser realizada para crianças, uma iniciativa de mostrar que a literatura infantil possui essa mágica de que a realidade, os costumes de um povo, a cultura indígena, o respeito à diversidade de raça, cor, etnias e a poesia possam estar em cada palavra, em cada verso, em cada linha, construindo um texto para que se olhe a estrada da vida, com olhos de criança, com a pureza de ser criança, porque todas essas coisas se adquirem na infância e se levam para a vida toda. “E assim como me chamo Li M’in e sou como um dia claro e tranquilo, como um dia de domingo, cheio de sol no meu coração, de alegria no meu sorriso, de otimismo”. (MENCHÚ; LIANO, 2018, p. 46).

Os contos da infância de Rigoberta Menchú nos ensinam que literatura infantil, pode ir muito mais além de historinhas para moralizar. Seus contos narraram sobre o costume de seu povo, como era a convivência com seu avô, o respeito que se deve ter com os antepassados, com a natureza, em uma linguagem voltada para as crianças, permeada por imagens que povoam o imaginário do leitor/ouvinte infantil e incentivam o espírito criativo da criança, fazendo-a compreender melhor o meio em que vive.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil enriquece adultos e crianças. No princípio, a leitura destinada às crianças, conforme abordado no primeiro tópico, tinham apenas a intenção de moralização, de educação. Mas, com o tempo, os grandes autores perceberam que o importante é contribuir para a vida dos pequenos, para que se tornem adultos conscientes e críticos. Perceberam que o

<sup>17</sup> Tortillas: comida de forma redonda ou alargada feita com ovo batido que pode acrescentar outros ingredientes e grelhar com azeite. (Dicionário SEÑAS, 2017, p. 1241).

<sup>18</sup> Guacamole: é uma iguaria típica da culinária do México, servida com uma grande variedade de pratos e geralmente acompanhada com pico-de-gallo e nata azeda.

<sup>19</sup> Chile: planta picante que se usa como condimento, que se usa bastante na culinária mexicana. (Dicionário SEÑAS, 2017, p. 265).





desenvolvimento do hábito de leitura vai depender muito do que se oferta na infância. Assim, o conhecimento de mundo é mediado nesse contexto, no momento em que as crianças, diante da narração de histórias, sejam ela realizadas pelos pais, avós ou professores, adquirem conhecimentos que serão alicerces para toda a vida. Tentamos demonstrar com a escrita deste texto a importância de inserir bons livros, com boas histórias para que as crianças possam debruçar sobre eles e possam ver o mundo também pelas entrelinhas.

Buscamos saber um pouco mais sobre a narradora-personagem que conta sua história de vida em *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. Percebemos um testemunho vivo, tradução de “uma literatura de resistência”, uma indígena iletrada que inicialmente falava somente sua língua quiché, que viveu sua infância ouvindo a língua do opressor, e para se defender aprendeu a falar o castelhano e a lutar pelos direitos do seu povo. Uma história de vida que foi retratada e posta em evidência a partir de uma entrevista concedida, em uma simples conversa gravada em fitas cassetes, para uma mulher letrada, Elizabeth Burgos. A antropóloga colaborou com o projeto de socialismo democrático de Salvador Allende, no Chile e, assim como Rigoberta lutava pela desigualdade social e contra a opressão, com muita sabedoria, contribuiu para a escrita do livro, fazendo com que o mundo inteiro conhecesse a luta de um povo pela sobrevivência, por meio de Rigoberta Menchú.

Não queremos aqui neste texto levantar discussões a respeito da crítica pela veracidade dos fatos narrados, feitas pelo antropólogo estadunidense, David Stoll. Crítica que não interferiu em nossa pesquisa, pois nosso foco maior foi ressaltar a necessidade, a responsabilidade e a coragem de levar, ao conhecimento das crianças, narrações literárias que acrescentarão conhecimento para uma visão de mundo que agregará diferentes conceitos em sua formação. Uma forma de ver o mundo com outros olhos, cabendo ressaltar a importância de ler distintas histórias, despertando o gosto por uma leitura saudável, uma leitura de mundo, para que, quando cheguem à vida adulta, possam alcançar liberdade de expressão, consciência crítica, compreendendo que a leitura é essencial para toda a vida.

Ao descrever a importância da leitura a partir da infância, realizamos a análise de uma das obras de Rigoberta Menchú narrada em contos que, juntamente com Dante Liano, escreveu para crianças. *Li M'in uma criança de Chimel*, uma narração de contos que enriquecem a alma do leitor infantil ou não. Com um olhar ou com olhares diferentes para a cultura maia deve-se considerar que os contos narrados foram experiências vividas pela narradora-personagem em sua aldeia de Chimel. Os contos narrados pelo avô, as memórias de infância da personagem registradas de forma simples e delicada, nos remete ao conhecimento do belo de forma simples, algo que devemos ensinar às crianças para que se tornem adultos conscientes.



Uma das maiores dificuldades na realização da pesquisa foi a escassez de referências críticas em relação à obra escolhida para análise. No entanto, fica a certeza de que foi mágico conhecer a história da Guatemala, sob os olhos de uma nativa. Foi enriquecedor, também conhecer os aspectos da cultura maia por meio de um livro pensado para o público infantil, que traduz uma história real e que pode incentivar o espírito combativo e justo das crianças.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Essencial - 300 pílulas de sabedoria**. São Paulo: Editora Planeta, 2015.
- BURGOS, Elizabeth. MENCHÚ, Rigoberta. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia**. 20. ed. Siglo XXI editores, 2007.
- COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Marta Morais da. **Literatura, leitura e aprendizagem**- 2. ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil S.A., 2009.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global ed., 1986
- LAJOLO, M.; Zilberman, R. **A Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 4. ed São Paulo: Ática, 1988.
- MARTI, Octavi. **Las mentiras piadosas de Rigoberta Manchú**. EL País, 1999. Disponível em [https://elpais.com/diario/1999/01/03/internacional/915318010\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1999/01/03/internacional/915318010_850215.html). Acesso em 20 de julho de 2019.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.
- MENCHÚ, Rigoberta; LIANO, Dante. **Li M'in, uma criança de Chimel**. Traduzido por Ivan Martin; ilustrado por Bendita Gambiarra. 2. Ed. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2018.
- RECINOS, Adrián. **Popol Vuh las antiguas historias del quiché**. Traducidas del texto original con introducción y notas. 23 imp. México: Colección Popular 1993.
- RIGOBERTA Menchú recebeu Nobel da Paz. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0711200021.htm>. Acesso em 18 jun. 2019.
- STOLL, David. **The Story of All Poor Guatemalans (A História de Todos os Pobres Guatemaltecos)**. Texas: Westview Press, 1999.
- VÁRIOS autores. **Popol vuh**. Barcelona: Red ediciones S.L., 2019. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=w euLOAi rHsC&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=w euLOAi rHsC&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso 23 jun. 2019.

**Artigo recebido em: 12/06/2019.**



**Artigo aceito em: 28/08/2019.**

